

## PAISAGEM LINGUÍSTICA DA “ZONA VELHA” DA CIDADE DO FUNCHAL: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E SOCIOLINGUÍSTICAS

### LINGUISTIC LANDSCAPE OF THE “ZONA VELHA” OF THE CITY OF FUNCHAL: HISTORICAL AND SOCIOLINGUISTIC CONSIDERATIONS

Bruna Pereira \*

brunamicaela.freitas@uvic.cat

A Paisagem Linguística (PL) tem sido uma temática bastante estudada nos anos recentes, no entanto muitas cidades e países europeus ainda não usufruíram de estudos relevantes no seu ambiente sociocultural. Esta investigação pretende analisar o espectro linguístico da chamada “Zona Velha” do Funchal, a capital da Madeira e a primeira localidade da ilha a ser habitada. A ocupação britânica na Ilha da Madeira a partir do séc. XIX, bem como a forte afluência turística nas zonas baixas junto ao mar, tem tornado a cidade do Funchal um ponto de diversidade cultural e linguística. O impacto da língua inglesa manifesta-se especialmente através dos sinais linguísticos comerciais, da restauração e é também um reflexo da relação previamente estabelecida aquando da ocupação mencionada. Partindo deste princípio, este trabalho irá focar-se nos efeitos dessa realidade através do registo e análise de 216 sinais linguísticos presentes numa das zonas mais emblemáticas da cidade, a chamada “Zona Velha”, localizada na freguesia de Santa Maria Maior, apresentando as diferenças entre os sinais públicos e governamentais e os privados e industriais. A metodologia deste trabalho assenta na abordagem *top down* e *bottom up* de Ben-Rafael *et al.* (2006) em que a presença de sinais linguísticos *top down* demonstra a influência e ocupação britânica no plano sociopolítico, cultural e económico, e os sinais linguísticos *bottom up* apontam para o fenómeno turístico.

**Palavras-chave:** Paisagem Linguística. Zona Velha-Funchal. Ocupação britânica.

The Linguistic Landscape (LL) has been a theme extensively studied in recent years, however many European cities and countries have not enjoyed yet relevant studies in their socio-cultural environment. This investigation intends to analyze the linguistic spectrum of Funchal's “Zona Velha”, the capital of Madeira Island and the first town to be inhabited. The British occupation of Madeira Island from the century XIX, as well as the strong tourist influx in the low areas by the sea, has made the city of Funchal a point of cultural and linguistic diversity. The impact of the English language is manifested especially through commercial linguistic signs, catering and is also a reflection of the relationship previously established during the mentioned occupation. Based on this principle, this work will focus on the effects of that reality through the registration and analysis of 216 linguistic signs located in one of the most emblematic areas of the city, “Zona Velha” in the parish of Santa Maria Maior, presenting the differences between public and governmental signals and private and industrial signals. The methodology of this work is based

---

\* Departament de Traducció, Interpretació i Llengües Aplicades. Facultat d'Educació, Traducció, Esports i Psicologia. Universitat de Vic - Universitat Central de Catalunya. Barcelona, España. ORCID: 0000-0001-8568-6176

on the *top down* and *bottom up* approach of Ben-Rafael *et al.* (2006) in which the presence of *top down* linguistic signs demonstrates the British influence and occupation in the socio-political, cultural and economic spheres, and the *bottom up* linguistic signs demonstrate the tourist phenomenon.

**Keywords:** Linguistic Landscape. Zona Velha-Funchal. British Occupation.

•

## 1. Introdução

Falar de paisagem linguística (PL) envolve abordar o reflexo em sinais linguísticos de todo um conjunto complexo de percepções, fatores culturais e sociais: a forma como um indivíduo identifica a si próprio. A PL tornou-se um elemento tão característico das cidades que agora é possível falar em *cityscape*, uma vez que as cidades (*cities*) tornaram-se as protagonistas da grande maioria dos estudos de PL, devido à proliferação de grandes áreas comerciais onde abundam mensagens em múltiplas línguas. Até ao momento, não existe uma definição que seja completamente satisfatória para todos os campos que a PL passou a integrar, no entanto, abaixo abordaremos os principais conceitos e estudos que contribuíram para o progresso desta área do saber até os dias de hoje.

Gorter (2006) afirma que o substantivo “paisagem” tem dois significados. Em primeiro lugar, o seu significado mais literal, sendo uma extensão de território que a vista consegue alcançar e, em segundo lugar, uma imagem, desenho ou representação de uma paisagem natural, como por exemplo, uma imagem do mar. Por abranger diversas realidades culturais e envolver ciências como a sociologia, a psicologia e a geografia, o conceito de PL tem sido utilizado em sentidos distintos. Na literatura, o conceito tem sido empregue para descrever e analisar a situação linguística de uma determinada localidade, como no trabalho de Sciriha & Vassallo (2001) em que os autores tratam da realidade de Malta, uma minúscula ilha no coração do Mediterrâneo e uma ex-colónia da Grã-Bretanha até a sua independência em 1964. O conceito de PL tem sido também utilizado para tratar a presença de múltiplas línguas em grandes áreas geográficas, como é o caso do estudo de Kreslins (2003), em que o autor analisa as línguas presentes no Báltico e esboça críticas sobre trabalhos anteriores na mesma região.

A PL compreende muitos itens tais como os sinais de trânsito, postes publicitários, nomes de ruas e de lugares, sinais comerciais e ainda os sinais públicos em edifícios governamentais. Gorter (2006, p. 2) precisa: “the use of language in its written form in the public sphere. It refers to language that is visible in a specified area”. Ben-Rafael, Shohamy, Amara & Trumper-Hecht (2006, p. 7) acrescentam que a PL pode também compreender “any sign or announcement located outside or inside a public institution or a private business in a given geographical location”. Os investigadores mencionam ainda “linguistic objects that mark the public space” (Ben-Rafael *et al.* 2006, p. 14). Daí que estudar a PL seja um verdadeiro desafio: analisar a partir de localidades multilingues muito diversas entre si, espaços bilíngues ou monolíngues, zonas com minorias

linguísticas históricas ou mesmo lugares onde o tempo parece não ter passado e permanecem iguais por décadas.

As línguas rodeiam-nos em qualquer lugar e de muitas maneiras: estão presentes nas ruas, nos nomes dos edifícios públicos, restaurantes, roupas, lojas, cafés, placas de trânsito, grafites, sinais publicitários e cartazes. O espaço interdisciplinar da PL envolve um amplo leque de disciplinas científicas tais como a sociologia, literatura, antropologia, geografia e política (Carr, 2019, p. 1) e procura entender as razões, mensagens e usos da linguagem no espaço público, focando-se nas representações da linguagem no ambiente social, sendo que o seu objeto de estudo é qualquer sinal linguístico exposto e o modo como as pessoas interagem com esses sinais. O motivo desta interdisciplinaridade está relacionado com a “linguagem escrita manifestada no ambiente físico-social e que revela a identidade linguístico-cultural de uma população, suas experiências de contato linguístico-cultural, os valores e as ideologias dos indivíduos (...)” (Teis, Seide & Lucas 2018, p. 18).

Em geral, a principal tarefa da pesquisa relativa à paisagem linguística é refletir a situação sociolinguística da área. Para tal efeito, pretende-se descrever a diversidade linguística e cultural, refletir o grau de uso de determinadas línguas e ligar estes fenômenos à política da linguagem e a um senso de identidade linguística. (Bielenin-Lenczowska, 2021, p. 5276)

Na atualidade, todos os cidadãos vivem num mundo em constante mudança, tendo que enfrentar novas realidades e adaptar-se a elas. Aquando do surgimento desta área científica, não existiam painéis interativos digitais nas ruas ou sinalização digital, entre outros elementos que hoje em dia constituem o *corpus* de análise. Um dos contributos que a investigação em PL pode fornecer está precisamente relacionado com o seu principal aspeto de análise: a visibilidade. A PL é interpretada, por muitos, como um reflexo da língua na sociedade; por vezes, direto, indireto ou deturpado. De facto, Gorter, Marten & Mensel (2012, p. 11) compara esta situação a um espelho, mas um espelho de circo (distorcido): “It would be a mistake to conceive of the LL as a mirror of the language relationships in a city, region or country, because at most its distortions can seem like a carnival mirror”.

Apesar da PL poder ser um reflexo da sociedade na qual existe, não há uma correlação direta entre as duas. Questões relacionadas com o passado histórico social e ideológico podem afetar a perceção que um indivíduo tem da sua língua e do estatuto e poder que ela adquire numa dada comunidade. Gorter *et al.* (2012, p. 3) afirma que “the Linguistic Landscape can inform us about and exhibit some of the underlying ideas, ideologies, conflicts and power struggles between different stakeholders.”

Este trabalho pretende analisar o espectro linguístico da Zona Velha do Funchal, mais especificamente na freguesia de Santa Maria Maior. Parte da história da cidade está relacionada com a ocupação e exploração comercial britânica. Com o passar dos anos, além dos habitantes ingleses que tornaram a Madeira um ponto de referência para a residência e turismo britânico, a Ilha assistiu também a uma grande afluência de outros povos. Desta forma, esta investigação pretende analisar qual o impacto da ocupação britânica na PL da Zona Velha e de que forma esta se manifesta. Assim, partindo do

princípio de que a língua portuguesa é a língua oficial na área geográfica em estudo, as hipóteses da investigação são as seguintes:

- I. A Zona Velha, por ser uma zona muito turística, rica em espaços comerciais e de restauração, será abundante em mensagens multilingues com muitas ofertas de produtos e serviços aos turistas.
- II. A língua inglesa também irá manifestar-se no espaço público em contextos distintos dos comerciais.

E tentará responder às seguintes perguntas:

Quais são as línguas que surgem no panorama linguístico da cidade do Funchal e qual a sua importância? Quais são as características dos sinais bilíngues ou multilingues? Em que tipo de sinais linguísticos surge a língua inglesa?

## 2. Paisagem Linguística

O estudo da PL ganhou destaque especial nos últimos anos e tem-se assistido a um cada vez maior número de publicações na área. Viver em sociedades cada vez mais abertas ao diálogo entre culturas e que colocam as línguas em contacto, reflete a importância da PL enquanto mecanismo de aproximação ou afastamento de grupos etnolinguísticos. Mas o que é a PL e por que razão ou razões é o seu estudo tão importante? Uma das investigações a dar bases de análise aos seguintes surgiu em 1997, quando Rodrigue Landry e Richard Bourhis definiram o conceito de PL na publicação “Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality An Empirical Study”:

The language of public road signs, advertising billboards, street names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region or urban agglomeration. The linguistic landscape of a territory can serve two basic functions: an informational function and a symbolic function. (Landry & Bourhis, 1997, p. 23)

A partir dessa definição, é possível observar duas funções básicas da PL: a função informativa e a função simbólica. Segundo os autores, a função informativa serve como um marcador distintivo de uma determinada área geográfica ocupada por um grupo humano concreto com uma linguagem comum. Aqui, eles enfatizam que o uso de uma linguagem única e consistente é um fator que delimita as fronteiras com outros grupos linguísticos que passam por lá. “Thus, the linguistic landscape serves to inform in-group and out-group members of the linguistic characteristics, territorial limits, and language boundaries of the region they have entered” (Landry & Bourhis, 1997, p. 25). Uma vez que os sinais linguísticos podem ser monolíngues, bilíngues ou multilingues, eles também podem fornecer informações sociais sobre os grupos que vivem lá, ou se uma língua aparece mais predominantemente em relação às outras, essa corresponderá à língua dominante.

A prevalência de marcadores linguísticos da comunidade dominante pode simbolizar a força ou vitalidade de sua linguagem perante outras comunidades linguísticas. “Public signs in the in group language can also symbolize the vitality of the

ethnolinguistic group in other institutional support domains such as cultural production and commercial and religious activities” (Landry & Bourhis, 1997, p. 28).

Cenoz & Gorter (2006, p. 68) chamam à atenção sobre a relevância do “contexto sociolinguístico”:

On the other hand, the linguistic landscape contributes to the construction of the sociolinguistic context because people process the visual information that comes to them, and the language in which signs are written can certainly influence their perception of the status of the different languages and even affect their own linguistic behaviour. The linguistic landscape or parts of the linguistic landscape can have an influence on language use.

O estudo da PL tem por objetivo refletir sobre as políticas linguísticas e sociais adotadas por uma determinada região e qual ou quais as suas consequências na vida quotidiana dos cidadãos. A utilização de uma determinada língua por instituições governamentais é diferente da utilização dessa mesma língua por entidades privadas. Quando utilizada por canais governamentais, a língua adquire um estatuto diferente de quando não o é utilizado, ou seja, adquire mais valor perante o falante pois este reconhece que a sua língua pertence a toda ou a uma parte considerável da comunidade e não é exclusiva de um grupo minoritário. Como afirmam Cotterill, Muir, Joinson & Dewdney (2015, p. 2) “the effect of hierarchy and power on linguistic choices has always been of interest to linguists and sociologists”.

The configuration of languages present in the linguistic landscape therefore can provide important information about the diglossic nature of a particular bilingual or multilingual setting. Thus, before communicating interpersonally with a single inhabitant, one can use the linguistic landscape as an indicator of the power and status relationship that exists between the various language groups present within a given administrative or geographical region (Landry & Bourhis, 1997, p. 26).

Ben-Rafael *et al.* (2006, p. 7) também abordam “power relations that eventually exist behind choices of patterns where sociopolitical forces share relevant incompatible interests”. Neste estudo, os investigadores afirmam que os estudos das relações de poder têm a capacidade de desvendar as realidades sociais de uma determinada comunidade. A ordem em que as línguas surgem, quais as línguas que surgem e em que contexto podem ajudar a compreender qual o poder e estatuto de uma língua sobre outra ou várias. O facto de uma determinada língua surgir na porta de um determinado edifício, por exemplo, governamental, mostra que essa língua é aceite nos meios governativos e políticos.

Levando em consideração as abordagens teóricas e metodológicas apresentadas e o contexto do presente estudo, entendemos a PL como qualquer letra, palavra, frase ou símbolo presente no espaço público tais como nomes de restaurantes, placas de informação, horários de funcionamento, cartazes promocionais e menus que têm por objetivo transmitir uma informação ao leitor e cuja interpretação simboliza algo tanto ao emissor como ao recetor. A escrita de um menu exclusivamente em português não transmite devidamente a informação que os não falantes da língua deveriam receber e poderá também ser um indicador de que estes terão problemas de comunicação se realmente optarem por entrar naquele estabelecimento.

Os primeiros estudos em PL centravam-se na descrição das várias línguas que surgiam no espaço público, descurando uma abordagem mais diacrónica e histórica:

Se os primeiros estudos se centraram na descrição e análise da presença das diferentes línguas em determinados espaços públicos, geralmente urbanos, muitas vezes numa perspetiva quantitativa e sincrónica que incluía o inventário das línguas presentes, os investigadores têm chamado à atenção para a necessidade de se ir além de uma abordagem centrada na contagem de línguas num determinado momento, para abraçar perspetivas mais dinâmicas das evoluções das PL no tempo e no espaço, considerando, desta feita, uma perspetiva diacrónica e histórica (Melo-Pfeifer & Lima-Hernandes 2020, p. 1028).

O estudo da PL do Funchal, analisando as relações atuais entre a utilização do inglês e do português no espaço público é pertinente uma vez que a Ilha da Madeira já foi ocupada política e economicamente pelos britânicos por duas vezes aquando do século XIX. Como destaca Blommaert (2010, p. 4), “we now see that the mobility of people also involves the mobility of linguistic and sociolinguistic resources”.

### 3. Estudo de caso

O estudo da PL tem vindo a crescer consideravelmente nos últimos anos, no entanto, e devido a ser uma área de estudo relativamente recente existem muitas cidades europeias e no Mundo que ainda não beneficiaram de estudos sociolinguísticos no seu meio. Em Portugal, existem poucas teses de mestrado e de doutoramento que contemplem este campo do saber e as que foram realizadas baseiam-se, essencialmente, na influência do turismo ou são realizadas em contextos educativos como é o caso do estudo de Clemente (2018). Uma das razões para esta lacuna linguística está relacionada com a própria génese social de Portugal, uma vez que a língua portuguesa é, sem dúvida, a língua de eleição para os portugueses e é exclusivamente a língua oficial. Por outro lado, não descuidando a grande variedade de línguas presentes em pequenas comunidades de emigrantes por Portugal Continental e ilhas, estas não são objeto de estudo deste trabalho.

No que diz respeito à Ilha da Madeira, esta tem sido também alvo de diversas afluências de emigrantes ao longo dos anos, com especial destaque para os chineses, ucranianos, russos, moldavos e, mais recentemente, por venezuelanos que têm também um passado histórico muitas vezes associado à emigração de pais, avós e outros familiares e veem a Madeira como uma forma de escapar à repressão política e social que a Venezuela vive.

O estudo da ocupação britânica e o seu reflexo na PL do Funchal surge da necessidade de contribuir para a expansão desta área do conhecimento no Mundo e na Madeira de um tema que é tão comum e presente na mente dos madeirenses, mas que nunca foi devidamente explorado. No que diz respeito a trabalhos desenvolvidos na Ilha, é possível destacar o trabalho de Macedo (2019) onde a investigadora analisou a PL de espaços públicos e comerciais nas cidades do Funchal, Santa Cruz e Ribeira Brava, Macedo (2020) em que a autora compara os nomes de restaurantes da Zona Velha do Funchal com os de Santa Cruz de Tenerife e ainda os trabalhos de Rebelo (2021a) onde se observa a toponímia madeirense como PL e património linguístico e outro onde

apresenta uma revisão bibliográfica dos principais trabalhos na área da PL (Rebelo 2021b).

Desta forma, o estudo da influência britânica na PL do Funchal é uma necessidade linguística, histórica e cultural, visto que irá apresentar informações concretas acerca do estado atual da PL e providenciar dados pertinentes para os gestores da cidade e dos serviços governamentais.

A presença dos britânicos na Ilha da Madeira, especialmente na cidade do Funchal, e na Zona Velha é um marco histórico característico da Região. De uma forma ou outra, e ainda que distanciado no tempo, todos os residentes identificam-se como associados aos ingleses. A presença destes foi muito importante na medida em que definiu e estabeleceu diversos aspetos culturais e comerciais que imperam até os dias de hoje. De seguida, iremos contextualizar a situação social que caracterizava a Madeira desde o período da ocupação britânica até os dias de hoje, que foi fundamental na criação de laços entre ingleses e madeirenses e foi responsável pelo grande desenvolvimento económico da Ilha.

Até a década de sessenta do século XX, quase todos os funchalenses são reféns desta situação. Em “Dia de S. Vapor, a cidade altera-se, completamente. Há múltiplos serviços e produtos a oferecer aos visitantes e a cidade rejubila e ganha um movimento e comércio inusitados”. Há uma economia familiar, alimentada pelos bomboteiros. Há, ainda, o contrabando que estes protagonizam, que vai dando o necessário para a sobrevivência do núcleo familiar. Há, por parte dos passageiros em trânsito, uma atenção especial às frutas da ilha, que são transportadas em cestas para bordo ou vendidas pelos bomboteiros<sup>1</sup>. Morangos, nêspers, laranjas e bananas, captam a sua atenção e são o desenhoo para as ementas de bordo. (Vieira 2018, p. 11)

Ainda acerca do ambiente e espírito vivenciado pelo povo madeirense, Raúl Brandão, apresenta a sua visão:

Agora conheço melhor a Madeira passado o primeiro entusiasmo, vejo tudo a frio. Esta ilha é um cenário e pouco mais - cenário deslumbrante com pretensões a vida sem realidade e desprezo absoluto por tudo que lhe não cheira a inglês. Letreiros em inglês, tabuletas em inglês e tudo preparado e maquinado para inglês ver e abrir a bolsa. (Brandão 1927, p. 55)

Vivia-se um clima de emoção, agitação e esperança de que os ingleses trouxessem um futuro melhor, dinheiro, prosperidade e acabassem com a fome. Na referência acima, Brandão (1927) explora a questão da dependência e servência madeirense. Quando os barcos ingleses chegavam, as tabuletas, ou melhor, os sinais linguísticos eram escritos em inglês e dirigidos aos visitantes, pois eram eles os clientes que iam gastar dinheiro. Por outro lado, os grandes proprietários e comerciantes da Ilha eram ingleses e a PL refletia essa realidade. Graças a esta estreita relação comercial, viram-se reunidas as condições para a emigração madeirense:

---

<sup>1</sup> Bamboteiros era o nome que designava os comerciantes do Bambote (barco de pequenas dimensões que levava iguarias regionais aos barcos ingleses que aportavam no Funchal). A palavra “bambote” é um neologismo derivado da aglutinação das palavras inglesas “bum boat” que os madeirenses ouviam. Bazenga, Ribeiro & Sequeira (2012, p. 48).

Na ilha da Madeira existia uma colónia de mercadores ingleses e a ínsula era um importante interposto comercial britânico, nas rotas atlânticas das embarcações para as Índias Ocidentais. Na sequência da crise de mão-de-obra nas Antilhas Britânicas, com os proprietários a procurarem colonos para substituírem os antigos escravos, emancipados em 1834, os madeirenses eram vistos como bons candidatos, descritos como excelentes trabalhadores e artífices competentes. (Teixeira 2009, p. 54)

O Funchal assumiu um papel crucial no abastecimento à navegação, com pontos de abastecimento de água, alimentos, vinho e carvão. Segundo Biddle (1896, p. 23) o Funchal era “uma importante estação de abastecimento de carvão para a maior parte das linhas dos navios de Inglaterra e do continente europeu para a África do Sul”. A ocupação e influência britânica refletiram-se também na construção de importantes instituições, tais como centros hospitalares, companhias de transporte e de eletricidade. Neste trabalho, o autor destaca as principais famílias que se deslocaram desde Inglaterra atraídas pelas condições climáticas propícias tanto ao usufruto pessoal das mesmas (clima ameno mais agradável que Inglaterra) como ideais para a prática da agricultura e plantação de cana de açúcar, uvas (que viriam a ser fundamentais na produção de vinho, especialmente vinho Madeira), entre outras.

Um dos motivos pelos quais a Ilha da Madeira era tão desejada está relacionado com a sua posição geográfica estratégica e a sua antiga tradição comercial. Os acontecimentos que antecedem a primeira ocupação britânica estão relacionados com a longa e profunda inimizade e rivalidade entre Inglaterra e França. Por essa altura, Napoleão Bonaparte lançava várias investidas à metrópole e ao Império britânico e preparava-se para investir contra a Madeira. Nesse momento, Londres teve conhecimento dessa intenção e enviou forças para protegerem a Ilha.

Decidida a ocupação, o processo que conduziu as tropas britânicas à Ilha da Madeira desenvolveu-se com relativa rapidez, entre a última semana de Junho e a última de Julho de 1801, período em que foram remetidas todas as instruções e no fim do qual se procedeu ao desembarque, embora de início com a ressalva de que o destino da expedição, que foi organizada sob o comando do coronal William Henry Clinton, se deveria manter secreto. Como veremos, a rapidez com que tudo se verificou acabou por se repercutir na eficácia geral da acção e na surpresa das autoridades portuguesas, mas também, a curto prazo, por provocar alguns inconvenientes e dificuldades entre os britânicos. (Rodrigues 1999, p. 145)

A Ilha da Madeira acabava por não pertencer a si própria. Por um lado, vivia sob o comando britânico e por outro estava na mira do império francês que reconhecia a sua posição estratégica, solo com qualidade e bons produtos naturais.

A presença britânica em grande parte do espaço atlântico é esmagadora e o seu domínio naval nada tem a temer. No caso português esta presença centrava-se em quatro pontos: Lisboa, Madeira (Funchal), Porto e Açores (Angra e Ponta Delgada), onde os navios da Royal Navy eram uma constante e a intervenção britânica, directa ou indirectamente, sustentava grupos, partidos, correntes políticas, num ambiente em que o Estado central era fraco, estava ausente ou dava sinais evidentes de ineficácia e incapacidade. (Rodrigues 2007, p. 20).



Atualmente, a presença britânica continua a fazer parte da vida madeirense. Seja pelas linhagens que sucedem até hoje as grandes famílias inglesas do século passado ou seja pelo papel económico que desempenham decorrente das empresas que fundaram e se mantêm em atividade. Na genealogia dos madeirenses de uma classe social alta, os apelidos estrangeiros cruzam-se com os portugueses.

A comunidade inglesa representa, ainda hoje, um grande marco na economia regional. Durante décadas, o povo insular viveu de cabeça curvada. Não em relação ao Continente mas a tudo o que vinha de fora do país. Por alguma razão, na gíria diária, o turista é sempre inglês, mesmo que seja alemão. (Vxmag 2019)

O início da colonização na Ilha da Madeira teve lugar em Santa Maria Maior, mais especificamente, na Zona Velha. Esta freguesia, inicialmente com pouca concentração habitacional, contribuiu para o desenvolvimento da cidade do Funchal, através da evolução do comércio do trigo, açúcar e vinho, dinamizados também pela presença e comércio ingleses. Esta zona compreende diversos pontos de atração turística, tais como o Forte de Santiago, o Mercado dos Lavradores, a Igreja do Socorro, a Capela de Nossa Senhora da Oliveira, e diversos restaurantes, bares e locais de animação noturna. Para além de ser uma área residencial é dos maiores pontos de concentração histórica e turística da Ilha da Madeira.

De acordo com as informações disponibilizadas no site da Junta de freguesia de Santa Maria Maior (2020), após o início do povoamento da Madeira, o território dividiu-se em duas áreas. A primeira ia desde as ribeiras de Santa Luzia e João Gomes (também conhecida por ribeira de Santa Maria) até o Forte de São Tiago e a segunda zona, ia desde a ribeira de São João até ao Convento de Santa Clara:

O aglomerado populacional que se estendeu da Ribeira de João Gomes até o Corpo Santo, não foi mais de que um núcleo de população formado de maneira espontânea que foi crescendo ao longo da praia de calhau ali existente. Deste facto advém-lhe, muito provavelmente, o nome dessa mesma zona: Santa Maria do Calhau, nome dado também ao pequeno templo que no ano de 1430 começou a servir o povoado da zona leste da baía do Funchal, também conhecido por Nossa Senhora da Conceição de Baixo, ou simplesmente por Santa Maria Maior. (Junta de freguesia de Santa Maria Maior 2020).

Abaixo analisaremos as questões metodológicas relacionadas com este estudo.

#### **4. Metodologia de recolha e classificação dos dados**

No que diz respeito à estratégia metodológica, o primeiro passo foi a definição da unidade de análise. Este estudo empírico foi baseado na coleção fotográfica de todos os sinais linguísticos encontrados no espaço selecionado, neste caso, a Zona Velha do Funchal. A codificação ou categorização dessas amostras é uma das etapas mais importantes e, ao mesmo tempo, das mais difíceis deste processo, pois surgiram algumas questões relacionadas com decisões no plano metodológico. Gorter (2006) abordou também algumas dessas dúvidas aquando do seu trabalho de investigação: Onde tirar fotos e quantas? A amostra coletada é representativa de toda uma cidade, área ou ponto de pesquisa?

No passado, alguns investigadores assumiram, por exemplo, uma loja como um sinal linguístico, desconsiderando publicidades, papéis escritos à mão e colados na janela, grafites, entre outros. A falta de consistência por parte do investigador pode trazer vários problemas na interpretação de resultados e provocar conclusões erradas. Desta forma, para este estudo, a unidade de análise é o sinal linguístico individual. Isto significa que se numa montra de uma loja tiver o nome dessa loja, um cartaz promocional ou indicações de horário, estas corresponderão a distintos sinais linguísticos. A vantagem deste método é que os sinais serão facilmente contáveis e categorizados.

O método e os critérios utilizados por diferentes investigadores ao longo dos anos são variáveis, levando em consideração as cidades ou países sob análise e a variedade linguística de cada local. Huebner (2006) e Backhaus (2006), por exemplo, limitaram o seu estudo às zonas de Banguecoque (Tailândia) e Tóquio (Japão) e, novamente, limitaram essas mesmas cidades a áreas que consideravam representativas. Mais uma vez, após a seleção desses espaços, eles procederam à seleção das ruas. Huebner (2006) coletou amostras de 15 bairros urbanos e rurais e Backhaus (2006) analisou 28 estradas. Como Huebner (2006) destaca, a amostra não precisa necessariamente expor toda a composição linguística da cidade, mas deve apresentar pelo menos a variedade que a localidade selecionada exhibe. Aqui entra a importância da seleção prévia de locais pelo investigador. Deve estudar-se quais as zonas que podem ser mais representativas e que permitem uma melhor e mais fácil compreensão e comparação. Neste caso, as ruas escolhidas dentro da Zona Velha do Funchal não foram aleatórias, e correspondem às ruas mais frequentadas tanto por residentes como por turistas e que fornecerão uma maior amostra linguística.

Outra questão também variável e controversa está relacionada com o objeto do estudo em si. De acordo com a definição de Landry e Bourhis (1997), a PL pode ser entendida como qualquer objeto ou signo linguístico que marca o espaço público. Ainda assim, essa definição pode levar a interrogações de resposta difícil como o que poderá constituir a unidade de análise. Estará na mesma linha de comparação, um sinal de trânsito, um cartaz e um veículo com texto que está passando na rua? Neste sentido é importante desenvolver uma classificação que separe por categorias os sinais linguísticos registados e para análise. Backhaus (2006) considerou apenas os sinais multilingues, e dos 12000 sinais que registou, selecionou apenas cerca de 2400. Cenoz e Gorter (2006) escolheram uma rua com grandes áreas comerciais e Ben Rafael *et al.* (2006) conduziram o seu estudo em zonas religiosas, em localidades de atividade comercial e instituições públicas.

Tendo em conta a metodologia levada a cabo por estes investigadores, é possível concluir que a seleção das áreas de estudo está relacionada com o propósito do trabalho em si. As duas primeiras categorias presentes na maioria das investigações estão relacionadas com o conteúdo dos sinais: *top down* (de cima para baixo) e *bottom up* (de baixo para cima), que correspondem a sinais públicos ou governamentais e privados, respetivamente. Calvet (1994) referiu-se aos sinais governamentais e privados como componentes *in vitro* e *in vivo* da PL. Estes termos fazem uma distinção global entre o que é escrito pela autoridade (os nomes das ruas ou sinais de regras de trânsito pelo

governo) e aqueles que são escritos pelos cidadãos (a denominação de lojas, grafites, publicidade, entre outros).

Em estudos mais recentes, como por exemplo, em Clemente (2018) foi realizado um levantamento fotográfico documental da PL de Aveiro e realizou-se uma análise de conteúdo e de discurso. Foram selecionadas as áreas mais significativas de acordo com a autora e foram também realizadas entrevistas aos proprietários dos espaços. Em Berger e Lecheta (2019), ao trabalhar sobre a PL de um campus universitário fronteiriço no Brasil e eventuais relações de poder, as investigadoras procederam à recolha de fotografias dos muros e paredes dos espaços de circulação pública do campus e examinaram esses elementos de forma a determinar reflexos da necessidade de visibilidade de certos grupos. Os investigadores Da Silva, Santos e Jung (2016) captaram imagens fotográficas de distintos locais públicos da cidade de Foz do Iguaçu, analisando as funções informativas e simbólicas dos sinais que descobriram e sugeriram tratar-se de uma PL com influência dos processos de globalização. Em Rodrigues (2020) verifica-se a utilização de uma metodologia semelhante. A investigadora recolheu imagens de placas e letreiros de estabelecimentos comerciais localizados perto da fronteira entre o Brasil e a Colômbia, e apresentou um estudo de caso com base nos conceitos de PL de diversos autores.

Visto que este estudo pretende analisar a possível influência da ocupação britânica na Ilha da Madeira através da análise da PL na Zona Velha do Funchal, inserida na freguesia de Santa Maria Maior, a metodologia mais adequada encontrada foi a definida por Ben-Rafael *et al.* (2006, pp. 19–21) como mencionado anteriormente.

Na Tabela 1, apresentamos as categorias descritas acima:

**Tabela 1. Categorização *top down* e *bottom up* de acordo com a proposta de Ben-Rafael *et al.* (2006)**

<b>Categoria</b>	<b>Tipo de item</b>
<i>Top down</i>	Sinais institucionais, governamentais, municipais, culturais, educacionais e/ou outros
	Nomes de ruas
<i>Bottom up</i>	Sinais comerciais (vestuário, restauração, e/ou outras lojas)
	Sinais de negócios privados (empresas e/ou outros)
	Sinais de anúncios privados (vendas, aluguer de carros/casas e/ou outros)

Na Tabela 2, apresentamos o modelo utilizado para a categorização *top down* e *bottom up* por número de itens encontrados por língua:

**Tabela 2. Modelo usado na categorização *top down* e *bottom up* por língua (número de itens)**

<b>Categoria/Língua</b>	<b>Português</b>	<b>Inglês</b>	<b>Outras</b>
<i>Top down</i>			
<i>Bottom up</i>			

São alguns os constrangimentos em abraçar um projeto desta natureza, seja pela tensão social decorrente de se fotografar espaços públicos e privados perante a presença de proprietários, funcionários e clientes e o desconhecimento destes ao objetivo desse registro e possíveis consequências, seja pela dificuldade em categorizar sinais linguísticos com base em critérios do passado que não compreendem a realidade do estudo linguístico na análise paisagística atual. Por exemplo, o que pode ser considerado como um “sinal de interesse público”? Ou um “anúncio público”? Como se categorizam autocolantes de iniciativas ou candidaturas políticas coladas em paredes ou sinais de trânsito? (cf. Figura 1 direita). Se, por um lado, há sinais imediatamente identificáveis na categoria correspondente, como, um sinal religioso (cf. Figura 1 esquerda), outros carecem de maior consideração e análise.



**Figura 1. Exemplos de sinais linguísticos presentes na Zona Velha: “Igreja Evangélica” (esquerda) e “Vote Edgar Silva” (direita).**

Surgiu, assim, a necessidade de definir o que foi considerado para cada item das tabelas utilizadas. Na categoria *top down*, em instituições públicas (religiosas, municipais, culturais e educacionais) foram consideradas igrejas, escolas, lojas do cidadão, museus, postos de correio e estações policiais, entre outras entidades governamentais; em sinais de interesse público procedeu-se à análise de mapas presentes nas ruas ou identificadores de pontos interessantes a visitar ou próximos (cf. Figura 2); em anúncios públicos registaram-se os cartazes de votação eleitoral regional.

No que diz respeito à categoria *bottom up* (vestuário, restauração e/ou outras lojas), em sinais comerciais, analisou-se os sinais presentes em lojas de roupa e restaurantes; em sinais de negócios privados (empresas ou escritórios) considerou-se os sinais em cabeleireiros, empresas de advogados, empresas de passeios turísticos e outras lojas comerciais de venda de bens e produtos e sinais de anúncios privados (vendas, aluguer de carros/casas e/ou outros).



**Figura 2. Sinal *top down* (sinal de interesse público) - direções para pontos de interesse na “R. Brigadeiro Oudinot”.**

Foi também realizado um esquema de codificação baseado em Cenoz e Gorter (2006) e Gorter (2007), que desenvolveram uma grelha com uma categorização especial, distinguindo o número de línguas nos sinais, a frequência de cada língua no sinal, classificação *top down* e *bottom up*, a composição dos sinais, o tamanho das línguas nos sinais bi e multilingues e apresentaram um quadro com todas as línguas encontradas. Estes resultados serão discutidos na secção seguinte.

## 5. Apresentação e discussão de resultados

Foram registados 216 sinais linguísticos neste trabalho, sendo 28 *top down* e 188 *bottom up*. No que diz respeito aos sinais *top down* foram encontrados 6 sinais relativos a instituições públicas religiosas, municipais, culturais e educacionais, 14 sinais de interesse público, 8 anúncios públicos e 3 nomes de ruas. Destes, 24 estavam na língua portuguesa, 3 na língua inglesa e 1 na língua francesa. Já na categoria de *bottom up* estavam presentes 114 sinais de lojas: roupa, comida ou joalheria; 38 sinais de negócios privados: escritórios, fábricas, empresas e agências e 33 sinais de anúncios privados: “procura-se”, publicidade, vendas, arrendamentos de carros ou apartamentos. Destes, 120 sinais estavam na língua portuguesa, 61 na língua inglesa e 7 em outras línguas. Analisando os sinais *top down* e *bottom up*, verifica-se uma diferença acentuada decorrente da necessidade de informar os locais (madeirenses e portugueses) e os turistas. É possível verificar que o item em que mais elementos surgem é *bottom up*, ou seja, elementos não governamentais - maioritariamente publicitários e da restauração. Este facto pode ser explicado pela atração turística decorrente da oferta gastronómica e vida noturna característicos da Zona Velha.

Na tabela 3, é possível verificar o número de itens encontrados nas categorias *top down* e *bottom up*.

**Tabela 3. Categorização *top down* e *bottom up* por número de itens na Zona Velha.**

<i>Top down</i>	Instituições públicas: religiosas, municipais, culturais e educacionais.	6	28
	Sinais de interesse público.	14	
	Anúncios públicos	8	
	Sinais de nomes de ruas	3	
<i>Bottom up</i>	Sinais de lojas: roupa, comida ou joalheria.	114	188
	Sinais de negócios privados: escritórios, fábricas, empresas e agências.	38	
	Anúncios privados: “procura- se”, publicidade, vendas, arrendamentos de carros ou apartamentos.	33	
	Total	216	

Na Tabela 4 verificamos o número de elementos *top down* e *bottom up* por língua, onde foram identificados 24 itens em português, 3 em inglês e 1 em francês, referentes à categoria *top down*. A categoria *bottom up* contou com 120 elementos em português, 61 em inglês e os restantes 7 noutras línguas.

**Tabela 4. Categorização *top down* e *bottom up* por língua na Zona Velha.**

<i>Top down</i>	Português	24
	Inglês	3
	Francês	1
<i>Bottom up</i>	Português	120
	Inglês	61
	Outras	7
Total		216

Em relação aos sinais, foi possível recolher uma amostra abrangente. Verifica-se uma preocupação com a apresentação dos sinais comerciais de restauração que aparecem na língua inglesa ou outra língua estrangeira. Habitualmente são impressos e afixados com cuidado. Uma grande maioria dos restaurantes e bares apresenta inclusive fotografias dos pratos e das bebidas disponíveis no menu (*cf.* Figura 3). Quando surgem línguas estrangeiras, os espaços comerciais tendem a apresentar o português ou o inglês em primeiro lugar.



Figura 3. Sinais *bottom up* - sinais comerciais de restauração no Restaurante “Madeira Story Centre” (esquerda e centro) e no Restaurante “O Brinquinho” (direita).

Habitualmente, estas superfícies comerciais colocam as bandeiras dos países para indicar o menu e os preços com a língua respetiva dessa bandeira. Estes menus são apresentados em grandes placas metálicas ou de plástico com suporte em formato de quadro de grandes dimensões para atrair os turistas e para tentarem destacar-se dos concorrentes (*cf.* Figura 4 direita). Junto às ofertas gastronómicas, alguns dos espaços optam também por juntar as ofertas culturais, muito frequentemente em inglês (*cf.* Figura 4 esquerda).



**Figura 4.** Sinais *bottom up* – informação de espetáculo ao vivo em língua inglesa no Restaurante “Almirante” (esquerda) e menu com quatro línguas no Restaurante “Donna Maria” (direita).

No que diz respeito à apresentação dos menus em português, esta zona demonstra uma preocupação menor perante estes, apresentando-os em placas escritas a giz e cartão. Estes menus são também, na sua maioria, referentes a “pratos do dia”, refeições de almoço com tudo incluído (prato, bebida e café), mais baratas que o menu habitual ou *à la carte* (cf. Figura 5). Por esse motivo e pela constante mudança da oferta do dia ao cliente madeirense, é necessário alterar diariamente os cartões e as placas de ardósia e essa alteração não implica gastos desnecessários com impressões e apresentações atrativas.





Figura 5: Sinais *bottom up* - sinais comerciais de restauração no Restaurante “As Escadinhas” em placas de ardósia (esquerda) e em cartão (direita) na língua portuguesa.



Figura 6: Sinal *bottom up* relativo a um serviço de reprografia.

Na Figura 6 é possível verificar a afixação de um cartaz de tamanho considerável com informações em inglês e, ao lado, uma folha impressa colada na parede com as mesmas informações, mas desta vez em português. O tamanho reduzido e o tipo de

afixação provocam a percepção de que terá sido afixado posteriormente e sem tanto cuidado e preocupação, uma vez que é dirigido ao público madeirense.



Figura 7. Sinal *bottom up* em língua inglesa.

Na Figura 7 é possível observar um sinal *bottom up* referente à instituição privada Madeira Medical Center e que se apresenta em inglês, assumindo-se como uma instituição que está capacitada a dialogar e tratar dos seus pacientes através da comunicação em inglês e, provavelmente, é também dirigida aos visitantes estrangeiros que dela possam necessitar. Visto tratar-se de uma instituição privada e localizar-se na Zona Velha que uma área bastante turística, entendemos que este espaço é dirigido tendencialmente aos turistas que ali afluem. Um outro fator pertinente é o facto deste mesmo grupo empresarial ter aberto um outro hospital privado localizado nas zonas superiores do Funchal, mais residenciais e pouco turísticas, a que designou de “Hospital Particular da Madeira”.

Dos 216 sinais linguísticos registados, 28 deles foram identificados como pertencentes à categoria *top down* e apenas 3 se apresentaram na língua inglesa, sendo os restantes 24 sinais em português e 1 em francês, demonstrando a forte dominância do português perante estes. Este sinal linguístico em língua francesa trata-se da *Federation Internationalé Maisons de L'Europe*, uma organização politicamente independente que tem por objetivo consolidar o diálogo e parcerias entre instituições e cidadãos europeus. O surgimento desta língua numa instituição pública indica que os autores do sinal a reconhecem este local como uma grande zona turística.



**Figura 8. Sinal linguístico *top down* em língua francesa:  
*Federation Internationále Maisons de L'Europe.***

Quanto aos sinais ingleses referem-se a painéis de informação local com dados históricos e indicações, como é possível verificar nos exemplos abaixo.



**Figura 9. Sinais linguísticos *top down*: “Núcleo Histórico de Santa Maria” em português e inglês (esquerda) e “Ponto de informação geográfico” em língua inglesa (direita).**

Ao circular pela Zona Velha é fácil observar a existência de algumas placas informativas com dados históricos sobre a freguesia Santa Maria (cf. Figura 9 esquerda) e outras com indicações de tempo da caminhada a pé até espaços comerciais e culturais de interesse (cf. Figura 9 direita).

Quanto à categoria *bottom up* e porque esta se trata de uma zona de comércio e turística, foram registados 188 elementos, sendo 61 deles em inglês. A diferença entre as categorias demonstra que a língua inglesa é utilizada com muita relevância nos espaços comerciais e hoteleiros, mas com pouco destaque nos espaços governamentais e instituições, o que significa que os sinais linguísticos são maioritariamente dirigidos ao público inglês e aos estrangeiros de passagem, turistas e visitantes e não exclusivamente a residentes.

A Zona Velha, por ser um local bastante frequentado por turistas, é abundante em mensagens multilingues especialmente na oferta de menus e produtos comerciais, confirmando a hipótese 1 de que esta zona iria apresentar uma paisagem multilingue. Por outro lado, a língua inglesa manifestou-se no espaço público em contextos diferentes dos comerciais e das outras línguas, como por exemplo em painéis governamentais históricos, comprovando a hipótese 2.



**Figura 10. Sinais linguísticos *bottom up* em língua inglesa num espaço de reatuação (esquerda) e num supermercado (direita).**

Os espaços comerciais e da restauração da Rua Santa Maria, que é conhecida por pelo seu movimento turístico onde abundam restaurantes de uma ponta a outra e de um lado e de outro da rua, mostraram preferência pela utilização da língua inglesa, excluindo por vezes a língua portuguesa por completo (*cf.* Figura 10 esquerda) ou apresentando o inglês em primeiro lugar e o português em segundo: “Sunday we open at 10:00 o’clock” e “ao domingo abrimos às 10:00” (*cf.* Figura 10 direita). Atente-se que a informação em português não está tão completa como a informação em inglês, uma vez que nesta última utilizaram o termo “o’clock” que teria o seu equivalente em português pela palavra “horas”, mas que não surge na tradução. Alomoush (2015, p. 105) descreve esta situação como pertencente a “sinais fragmentados”, ou seja, sinais que não aparecem completos na tradução. Este facto sugere que este supermercado deve ser muito frequentado por estrangeiros e os produtos que vende são destinados a estes.

Na Figura 11 (esquerda) é possível ver que a primeira língua em que surge o menu é a inglesa, seguida da portuguesa e na loja da Figura 11 (direita) a escolha da língua recaiu também para a inglesa, demonstrando a preferência por esta.



Figura 11. Sinais linguísticos *bottom up* de anúncios comerciais em língua inglesa no Restaurante “The Snug” (esquerda) e “Lillie Ceramics” (direita).

Verificou-se ainda a criação e afixação de alguns anúncios com a informação de que aquele estabelecimento “fala” a língua indicada e os clientes poderão comunicar com os empregados na sua língua mãe (*cf.* Figura 12).



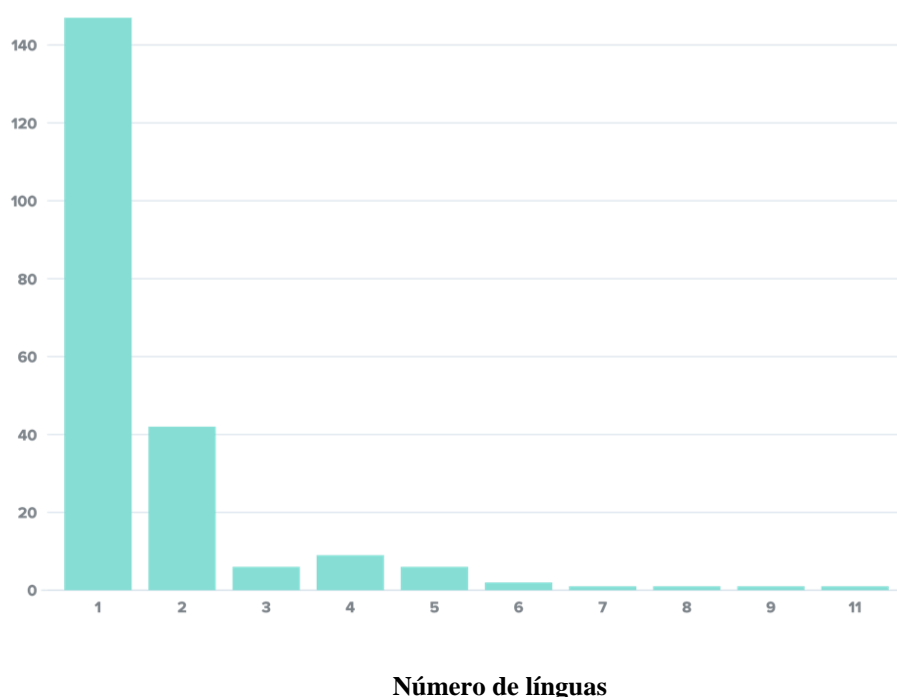
Figura 12. Sinais linguísticos *bottom up* de um restaurante e alojamento em inglês, francês, alemão e espanhol.

Tabela 5. Lista das diferentes línguas encontradas na Zona Velha.

1. Português	2. Inglês	3. Francês	4. Italiano
5. Alemão	6. Norueguês	7. Russo	8. Espanhol
9. Holandês	10. Sueco	11. Finlandês	12. Polaco

Foram encontradas 12 línguas no espaço analisado, sendo elas o português, o inglês, o francês, o italiano, o alemão, o norueguês, o russo, o espanhol, o holandês, o sueco, o finlandês e o polaco (*cf.* Tabela 5).

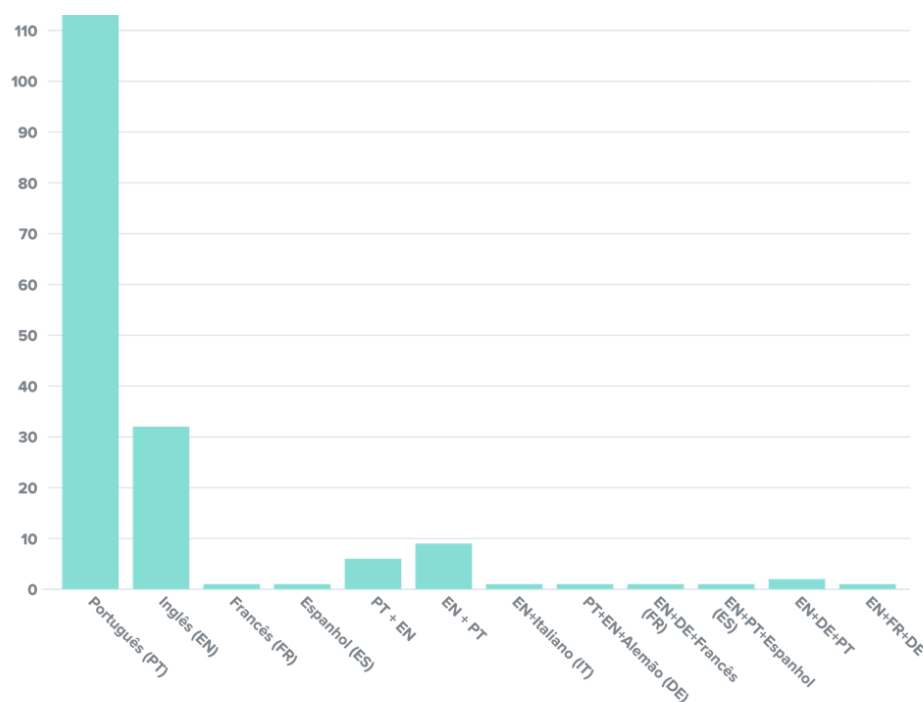
Os números de línguas encontradas na PL da Zona Velha (*cf.* Gráfico 1) não deixaram dúvidas que se trata de uma paisagem dominada pela presença da língua portuguesa, sendo que, entre os 147 identificados em apenas numa língua, 113 estavam escritos em português, 32 em inglês, 1 em francês e 1 em espanhol (*cf.* Gráfico 2).



**Gráfico 1. Número de línguas nos sinais linguísticos da Zona Velha.**

Verificou-se que outros restaurantes com uma oferta mais simples para turistas, optaram por cartazes simples exclusivamente em inglês para esse público, desconsiderando tanto o português como outras línguas. Os dados mostram que a tendência é utilizar uma língua e depois duas línguas, neste caso, português-inglês ou vice-versa e que as outras combinações de línguas ocorrem com baixa frequência. As 12 línguas identificadas apontam para a presença do turismo gastronômico, uma vez que estas línguas surgem exclusivamente em espaços da restauração. O português é claramente a língua mais utilizada (*cf.* Gráfico 2.) Nos sinais multilingues encontrados, a tendência é incluir o português ou o inglês. Foram encontradas algumas combinações distintas (*cf.* Gráfico 2) unicamente em menus de restaurantes, entre as línguas francesa, italiana, alemã, norueguesa, russa, espanhola, holandesa, sueca, finlandesa e polaca.

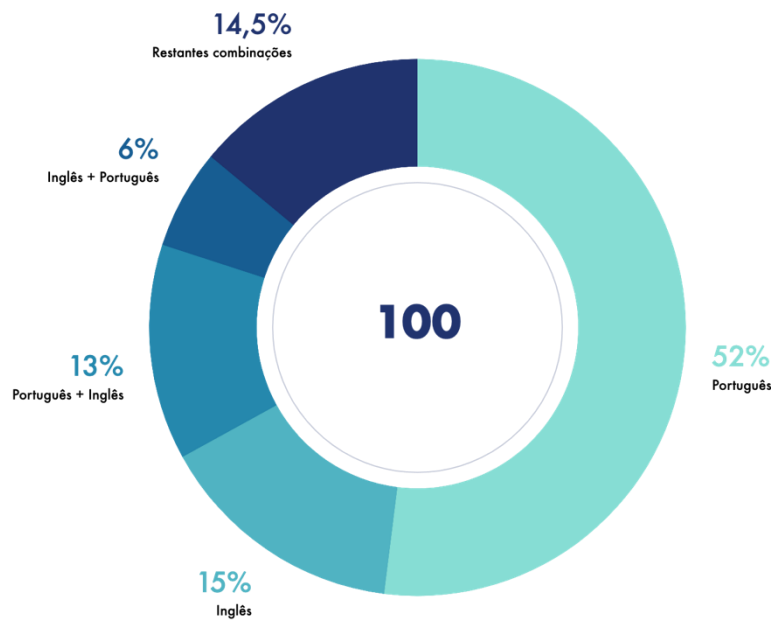




**Número de línguas e combinações encontradas**

**Gráfico 2. Frequência de cada língua no sinal linguístico.**

O facto de apenas uma língua surgir em mais de metade da amostra sugere que a Zona Velha é uma área que para além de turística, é também característica do comércio tradicional, com edifícios como o Mercado dos Lavradores, a Escola Secundária Jaime Moniz, cabeleireiros, escritórios de advogados, centros de cópia, cafés e restaurantes que oferecem um menu económico e optam por preferir utilizar apenas a língua portuguesa uma vez que é esse o público-alvo e, por sua vez, justificando o aparecimento de 113 sinais nessa língua, que corresponde a 52% (*cf.* Gráfico 3) da amostra.



**Gráfico 3. Frequência de cada língua no sinal linguístico (%).**

No que diz respeito à combinação português + inglês, esta surgiu 28 vezes, correspondendo a 13% da amostra e a combinação inglês + português, 13 vezes, correspondendo a 6% (*cf.* Gráfico 3), demonstrando que há uma maior tendência em utilizar o português em primeiro lugar tanto nos sinais monolíngues como bilingues. Esta situação pode ser explicada pela atividade comercial desenvolvida nesta área, como lojas de sapatos, de lojas de chineses, bancas de venda de fruta e peixe e pelo facto de alguns espaços de restauração oferecerem um prato do dia mais barato para os locais e tentar ainda aliciar os turistas. Quanto ao tamanho de uma língua em relação a outra, não foi verificada nenhuma situação flagrante, no entanto, há a destacar a diferença entre diversos menus em português e inglês, sendo que os primeiros são apresentados tendencialmente em quadros de ardósia para que possam ser facilmente modificados no dia seguinte, e em folhas separadas afixadas com pouco cuidado nas paredes. Quanto aos menus apresentados em inglês, verificou-se um cuidado especial, incluindo inclusive fotografias alusivas à oferta gastronómica. Alguns dos restaurantes, colocaram também anúncios em destaque com as línguas que aquele estabelecimento fala para comunicar com os seus clientes, como, por exemplo, “We speak English” e “Nous Parlous Français”.

Por outro lado, a língua inglesa assumiu nos últimos anos um estatuto de modernidade e sofisticação. Como cidadãos no e do mundo, é fácil apercebermo-nos do seu estatuto como língua de comunicação internacional e a forma como esta prolifera na comunicação entre pares e na própria cidade em si. O inglês tem vindo a refletir-se especialmente através do nome de restaurantes e bares, em nomes de bebidas especiais ou pratos distintos.

There has been no other language having such a broad coverage as a lingua franca in the history of human being. The composition of English users has also shifted tremendously. The number of the so-called non-native speakers of English has reached three times the number of native speakers. As a matter of fact, the population of the so-called non-native English speakers continuously increases while that of the first language speakers decreases. This has brought English into its new role as a “global currency”. (Dewi 2013, p. 3)

Este fenómeno explica a utilização do inglês para a nomenclatura de novos bares e restaurantes (cf. Figura 13).



Figura 13. Bar com nome em inglês: “The Old City Pub”.

É fácil observar que os novos espaços de restauração e comércio na cidade do Funchal optam, muitas vezes, pela designação inglesa. Este fenómeno poderá ser um reflexo do estatuto que a língua inglesa passou a adquirir. Ao passar pelos restaurantes mais antigos da zona histórica, o visitante repara que estes têm nomes portugueses, tais como “A Tropicana”, “A Taberna Ruel”, “Taberna Madeirense”, “O Regional” e “Restaurante do Forte”. Estes restaurantes, mais antigos e tradicionais, são conhecidos por serem frequentados especialmente por turistas.

No que diz respeito aos espaços hoteleiros mais recentes, estes têm, muitas vezes, nomenclaturas inglesas e na maior parte deles, o público-alvo é o mais jovem e local. Ou seja, estes espaços sugerem ser propriedade de donos madeirenses jovens cujos clientes são tendencialmente os seus conterrâneos. Alguns exemplos destes espaços são os

conhecidos “The Flair Spot”, “Revolution Bar”, “The Old Town Pub”, “Mini Eco Bar” e “The Town”.

É de referir ainda os bares e espaços com designação em língua portuguesa, frequentados tanto por locais como por estrangeiros – devido à sua localização estratégica – e que optaram pela língua mãe. Alguns destes bares são alusivos aos nomes dos proprietários, como “Tasca do Zé” e “Dona Maria”. Existem, por fim, algumas designações distintas, ainda que em minoria, alusivas aos países que esses restaurantes e bares representam, como, por exemplo, nomes de restaurantes japoneses, italianos e nepaleses (cf. Figura 14).

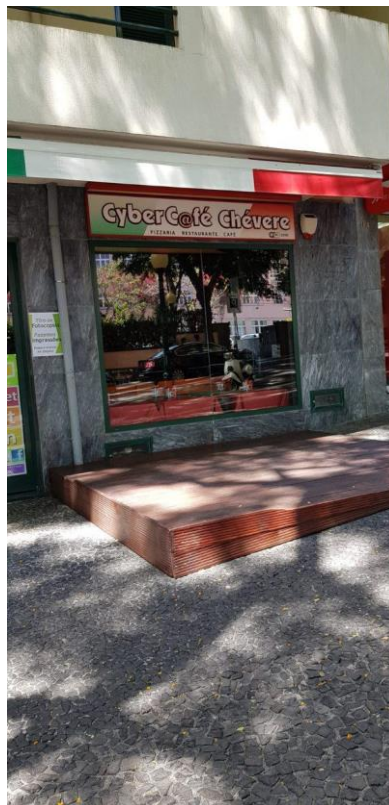


Figura 14. Restaurante com nome em italiano: “CyberC@fé Chévere”.

## 6. Conclusão

As condições económico-sociais que imperavam na Ilha da Madeira, aliadas à sua posição estratégica geográfica, condições climáticas e produção agrícola foram um fator impulsionador para a presença e ocupação britânica. Esta foi responsável pelo desenvolvimento da Região e definiu um conjunto de hábitos culturais e linguísticos no povo madeirense. Se no passado a PL a era um reflexo da ocupação governamental britânica e estava mais presente em sinais *top down*, hoje é um reflexo de uma presença maioritariamente turística. Os laços genealógicos, sociais e comerciais permitiram a continuidade de uma ligação entre os madeirenses e os ingleses, tornando a Madeira um ponto de referência para o mundo britânico. Estes acontecimentos favoreceram a existência de um número muito superior de sinais linguísticos na categoria *bottom up*, e

apresentaram-se em quantidade elevada nos sinais de restauração, lojas e espaços comerciais. Entre estes, é possível destacar especialmente os sinais dos restaurantes.

Através da análise das representações da linguagem no espaço público, a PL explora o sinal linguístico exposto e o modo como as pessoas interagem com esses mesmos sinais. Desta forma, a utilização do inglês nos sinais linguísticos *bottom up* é um reflexo dos clientes a quem este é dirigido, neste caso, aos turistas. Grande parte dos estudos em PL têm sido dirigidos a comunidades multilingues, tentando analisar a presença ou a inexistência de sinais linguísticos sem levar em consideração as condições de construção dos mesmos ou com um grande foco no contexto histórico. Este trabalho pretendeu estudar não apenas a PL da Zona Velha, mas também todo o seu enquadramento histórico relacionado com a ocupação britânica na Ilha da Madeira e, mais especificamente, na cidade do Funchal.

A exploração e investigação dos sinais linguísticos a partir de fotografias demonstrou ser um método eficaz para a determinação e categorização dos sinais encontrados de acordo com a classificação de Ben-Rafael *et al.* (2006, pp. 19–21). Os resultados demonstraram ser ferramentas úteis para compreender o atual panorama linguístico da Zona Velha, na medida em que demonstram uma presença preponderante da língua inglesa perante outras e, como tal, é uma informação importante para os gestores da cidade, dos serviços turísticos e da hotelaria. Por outro lado, são também expressões de uma raiz histórica e cultural a que os madeirenses não são indiferentes, consolidando a sua memória e identidade.

Através dos dados recolhidos é possível concluir que a influência da ocupação britânica já não é muito sentida no panorama linguístico da cidade e hoje a utilização do inglês poderá ser um reflexo das relações comerciais e profissionais anteriormente travadas que abriram portas para uma grande afluência do turismo britânico. Por outro lado, é preciso ter em mente o estatuto de modernidade do inglês e a sua utilização como língua global. Desta forma, comprovamos as hipóteses iniciais de que a Zona Velha, por ser uma zona muito turística, rica em espaços comerciais e da restauração é abundante em mensagens multilingues com muitas ofertas de produtos e serviços aos turistas e que a língua inglesa também se manifesta no espaço público em contextos distintos dos comerciais.

No que diz respeito às questões da investigação, podemos responder que a língua inglesa surge tanto em sinais *top down* como *bottom up*, ou seja, em sinais governamentais e sinais comerciais, tendo maior expressão nestes últimos devido ao fenómeno turístico britânico. Surgiram outras dez línguas estrangeiras, sendo elas o francês, o italiano, o alemão, o norueguês, o sueco, russo, o espanhol, o holandês, o finlandês e o polaco. O aparecimento destas em sinais exclusivamente *bottom up* e, mais especificamente, em menus de restaurantes, aponta para a existência de turismo proveniente dos países onde essas línguas são faladas. Este é um fator importante para demonstrar que a presença do inglês surge em contextos diferentes das outras línguas.

Os dados demonstraram que a tendência é utilizar uma língua e depois duas línguas, neste caso, português-inglês ou inglês-português e que as outras combinações de línguas ocorrem com baixa frequência. Estes sinais bilíngues têm como característica a apresentação da língua portuguesa habitualmente em primeiro lugar e a inglesa em

segundo lugar, uma vez que estes sinais surgem em ofertas de pratos do dia dirigidos aos trabalhadores locais da zona que falam português. Por outro lado, os sinais bilingues que surgem com a língua inglesa em primeiro lugar dizem respeito a bares e espaços comerciais dirigidos aos ingleses, e onde se pode observar uma informação complementar em português. Por fim, surgiram algumas combinações distintas nos sinais multilingues que foram encontrados unicamente em sinais da restauração e cujas combinações não sugeriram ter nenhuma razão evidente para além de uma escolha arbitrária de cada restaurante quanto à seleção da primeira língua a apresentar.

Como sugestão de estudo futuro, pretendemos realizar um questionário aos proprietários e autores dos diferentes sinais linguísticos de forma a compreender qual a sua intenção ao apresentá-los da forma como foram registados.

**Financiamento:** Esta pesquisa não recebeu financiamento.

## Referências

- Alomoush, O. (2015). *Multilingualism in the linguistic landscape of urban Jordan*. (Tese de Doutoramento não editada, University of Liverpool, Inglaterra).
- Bazenga, A., Ribeiro, J., & Sequeira, M. (2012). *The British presence in Madeira Island: historical overview and linguistic outcomes*. Comunicação apresentada no British Scholar Society Conference Edinburgh, UK.
- Backhaus, P. (2006). Multilingualism in Tokyo: A look into the linguistic landscape. *International Journal of Multilingualism*, 3(1), 52–66. <https://doi.org/10.1080/14790710608668385>.
- Berger, R., & Lecheta, M. (2019). A paisagem linguística de um campus universitário fronteiriço: língua e poder em perspectiva. *Entrepalavras*, 9(2), 396–414. <https://doi.org/10.22168/2237-6321-21486>.
- Ben-Rafael, E., Shohamy, E., Amara, M., & Trumper-Hecht, N. (2006). Linguistic landscape as symbolic construction of the public space: the case of Israel. *International Journal of Multilingualism*, 3(1), 7–30. <https://doi.org/10.1080/14790710608668383>.
- Biddle, A. (1896). *The Madeira Islands*. Philadelphia: Drexel Biddle & Bradley Publishing Company.
- Bielenin-Lenczowska, K. (2021). A paisagem sócio-linguística: A política, a diversidade e a migração no espaço público. *Fórum Linguístico*, 17(4), 5275–5288. <https://dx.doi.org/10.5007/1984->
- Blommaert, J. (2010). *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bourhis, R., & Landry, R. (1997). Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality—An empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*, 16(1), 23–49. <https://doi.org/10.1177/0261927X970161002>.
- Brandão, R. (1927). *As ilhas desconhecidas*. Lisboa: Edições QETZAL.
- Calvet, J. (1994) *Les voix de la ville: Introduction à la sociolinguistique urbaine*. Paris: Collection Petite Bibliothèque Payot.
- Carr, J. (2019). *Linguistic landscapes*. <https://doi.org/10.1093/OBO/9780199772810-0251>.
- Cenoz, J., & Gorter, D. (2006). Linguistic landscape and minority languages. *International Journal of Multilingualism*, 3(1), 67–80. <https://doi.org/10.1080/14790710608668386>.
- Clemente, M. (2018). *Paisagem linguística urbana: O caso de Aveiro e a sua relevância educativa*. (Tese de doutoramento não editada, Universidade de Aveiro, Portugal).
- Cotterill, R., Muir, K., Joinson, A., & Dewdney, N. (2015). Identifying linguistic correlates of social power. *International Journal of Computational Linguistics and Applications*, 6(1),

- 9–26. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/304497624\\_Identifying\\_Linguistic\\_Correlates\\_of\\_Social\\_Power](https://www.researchgate.net/publication/304497624_Identifying_Linguistic_Correlates_of_Social_Power)
- Da Silva, I., Santos, M., & Jung, N. (2016). Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. *Domínios de Linguagem*, 10(4), 1257–1277. <https://doi.org/10.14393/DL27-v10n4a2016-4>.
- Dewi, A. (2013). English as an international language: An overview. *Journal of English and Education*, 6, 1–11. <https://doi.org/10.20885/jee.vol6.iss2.art1>
- Gorter, D. (2006). Introduction: The study of the linguistic landscape as a new approach to multilingualism. *International Journal of Multilingualism*, 3(1), 1–6. <https://doi.org/10.1080/14790710608668382>.
- Gorter, D. (2007, fevereiro). *The linguistic landscape in Rome: Aspects of multilingualism and diversity*. (Working Paper of the IPRS). [https://www.academia.edu/2122945/The\\_linguistic\\_landscape\\_in\\_Rome\\_Aspects\\_of\\_multilingualism\\_and\\_diversity](https://www.academia.edu/2122945/The_linguistic_landscape_in_Rome_Aspects_of_multilingualism_and_diversity)
- Gorter, D., Marten, H. F., & Mensel, L. (2012). *Minority languages in the linguistic landscape*. <https://doi.org/10.1057/9780230360235>.
- Huebner, T. (2006). Bangkok's linguistic landscapes: Environmental print, codemixing and language change. *International Journal of Multilingualism*, 3(1), 31–51. <https://doi.org/10.1080/14790710608668384>.
- Junta de freguesia Santa Maria Maior. (2020). *História da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior*. Consultado em <https://www.funchal.pt/juntas-de-freguesiapt/junta-de-freguesia-de-santa-maria-maior.html>
- Kreslins, J. (2003). Linguistic landscapes in the baltic. *Scandinavian Journal of History*, 2, 165–174. <https://doi.org/10.1080/03468750310003659>.
- Landry, R., & Bourhis, R. (1997). Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality an empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*, 16(1), 23–49. <https://doi.org/10.1177/0261927X970161002>
- Macedo, M. (2019). Produção de uma paisagem linguística em espaços públicos e comerciais na ilha da Madeira Comparação com dados relativos ao Algarve e Aveiro. Universidade da Madeira. Consultado em: <https://www.researchgate.net/publication/330741275>
- Macedo, M. (2020). *Ementas e nomes de restaurantes em zona turística do Funchal e de Santa Cruz de Tenerife. Um olhar sobre a paisagem linguística*. (Dissertação de Mestrado não editada, Universidade da Madeira, Portugal).
- Melo-Pfeifer, S. & Lima-Hernandes, M. (2020). Paisagens Linguísticas: Ideologias, discursos e práticas multilingues nos espaços sociais. *Domínios de Linguagem*, 14(4), 1024–1058. Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. <https://doi.org/10.14393/DL44-v14n4a2020-1>
- Rebelo, H. (2021a). A toponímia como paisagem linguística e património linguístico: Ruivós, no cruzamento de rotas para a Madeira? *SABUCALE-Revista Anual do Museu do Sabugal*, 12, 113–132. Consultado em <http://hdl.handle.net/10400.13/3416>
- Rebelo, H. (2021b). Da paisagem à paisagem linguística como património ou da prática à teoria: Para uma tipologia da paisagem linguística. *Confluência, Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, 60, 198–221. <https://doi.org/10.18364/rc.v1i60.395>.
- Rodrigues, L. (2020) Paisagem linguística em contexto fronteiriço: Estudo de caso em Tabatinga (Bra) e Letícia (Col). *Revista científica TRAMA*, 16(37), 149–160. <https://doi.org/10.48075/rt.v16i37.23694>.
- Rodrigues, P. (1999) *A política e as questões militares na Madeira – o período das guerras napoleónicas*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA).
- Rodrigues, P. (2007) *A Madeira entre 1820 e 1842: Relações de poder e influência britânica*. (Tese de doutoramento não editada, Universidade da Madeira, Portugal).
- Scirinha L., & Vassallo M. (2001) *Malta, a linguistic landscape*. Malta: Malta Caxton.

- Teis, T., Seide, S., & Lucas, P. (2018). Os topônimos na paisagem linguística da Av. Zelina, em São Paulo: Um encontro na interdisciplinaridade. *Revista do GELNE*, 20(2), 16–29. <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2018v20n2ID14089>.
- Teixeira, V. (2009). *Entre a Madeira e as Antilhas: A emigração para a Ilha de Trindade: século XIX*. (Dissertação de Mestrado não editada). Universidade da Madeira, Portugal.
- Vieira, A. (2018). Da Madeira a Cape Town, República da África do Sul. *Cadernos de divulgação do CEHA*, 9, 1–90. Consultado em [https://www.academia.edu/37784782/VIEIRA\\_ALBERTO\\_DA\\_MADEIRA\\_A\\_CAPE\\_TOWN\\_REP%C3%A9BLICA\\_DA\\_%C3%81FRICA\\_DO\\_SUL](https://www.academia.edu/37784782/VIEIRA_ALBERTO_DA_MADEIRA_A_CAPE_TOWN_REP%C3%A9BLICA_DA_%C3%81FRICA_DO_SUL).
- Vxmag. (2019, abril). *1807: Quando a Madeira pertenceu aos ingleses durante 7 anos*. Consultado em <https://www.vortexmag.net/1807-quando-a-madeira-pertenceu-aos-ingleses-durante-7-anos/>.

[recebido em 01 de março de 2021 e aceite para publicação em 03 de agosto de 2021]